

Lehmann

António Júlio Duarte Viagem a Itália

20.06.2026

12.09.2026

PT

ES

EN

Lehmann

António Júlio Duarte Viagem a Itália

[PT]

20.06.2026

12.09.2026

“Viagem a Itália” é a primeira exposição de António Júlio Duarte na galeria Lehmann.

Um dos fotógrafos portugueses mais relevantes da atualidade, António Júlio Duarte nasceu em Lisboa, em 1965, cidade onde vive e trabalha como fotógrafo e professor de fotografia.

Entre 1985 e 1989, estudou Fotografia no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa, e em 1991, no Royal College of Art, em Londres, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde 1990, estando o seu trabalho representado em diversas coleções públicas e privadas, tanto nacionais como internacionais.

Publicou vários livros de fotografia, entre os quais se destacam *Guiné-Bissau 1990* (2023), *Against the Day* (2019), *Ensaio* (2018), *Japan Drug* (2014) e *White Noise* (2011), editados pela Pierre von Kleist Editions; *Ph. António Júlio Duarte* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022); *W* (Antumbra Publishing House, 2021); *Deviation of the Sun* (Centro Cultural Vila Flor, 2013) e *The Candidate* (GHOST Editions, 2012). *White Noise* foi considerado um dos melhores livros de fotografia de 2011 por vários críticos de arte internacionais.

A dificuldade em formar uma ideia da Antiguidade está em apenas dispormos de ruínas. Já o Clássico, se não nos fizermos valer da fantasia, apresenta-se-nos como palco dos mais grandiosos eventos. Procurei sempre encarar a paisagem como um geólogo ou um topógrafo o faria, suprimindo a minha imaginação e as minhas emoções de forma a preservar uma observação clara e imparcial. Só assim poderá a história surgir, em todo o seu espantoso encantamento.

Goethe, *Viagem a Itália*

No imaginário do Grand Tour, a viagem a Itália condensava passado e presente. Simultaneamente berço da cultura ocidental e espaço de vanguardas, em Itália encontrava-se uma reconfortante e produtiva triangulação contextual. Tratava-se de um movimento de confirmação: a cultura europeia reconhecia o seu próprio fundamento e, a partir desse lugar, projetava o seu futuro.

Foi neste contexto que a viagem começou a organizar-se em torno de imagens antecipadas — lugares já imaginados, muitas vezes por outros, antes de serem visitados. Hoje, vivemos rodeados por imagens que antecipam, enquadram e frequentemente substituem a experiência. A atenção desloca-se continuamente de uma imagem para a seguinte, num regime de entretenimento permanente. Viajamos através das imagens dos outros, mas sem sair do nosso lugar.

O trabalho de António Júlio Duarte desenvolve-se nesse intervalo. As seis fotografias de *Viagem a Itália* apresentam-se como zonas de suspensão, onde História e experiência coexistem no mesmo plano. São imagens que resultam da sua presença num lugar, mas não procuram representar lugar nenhum. Não se nos apresentam monumentos; estas fotografias são, na sua fatal bidimensionalidade, anti-monumentos que esvaziam a herança clássica, física e figurativamente, expondo a sua condição instável.

A imagem que abre o conjunto mostra apenas o canto de um *chroma* verde, fotografado em *Cinecittà*. Uma superfície preparada para receber qualquer mundo. Antes da imagem, a possibilidade da imagem. A prática do artista tem frequentemente gravitado em torno desta instabilidade: a fotografia, na sua indefinição dissimulada, como figura da fragilidade das nossas certezas sobre o mundo. Nada é abertamente dramático. No entanto, entre aquilo que vemos e aquilo que julgamos reconhecer instala-se sempre um pequeno desajuste. Um lugar de alienação.

Talvez por isso estas fotografias ocupem um lugar singular na obra do artista. Se grande parte do seu trabalho parece indiferente aos lugares onde foi produzida — como se as imagens pudessem ter surgido em qualquer geografia — aqui o destino torna-se inseparável daquilo que está em causa. Itália não surge como tema, mas como problema: um lugar previamente ocupado por imagens, projeções e narrativas que moldaram a forma como a cultura ocidental aprendeu a olhar para si própria. Um lugar que julgamos conhecer antes mesmo de o visitar.

A partir daí, o que se afirma em *Viagem a Itália* é uma série de presenças incertas: restos de monumentalidade, fragmentos de gestos antigos, sinais de uma linguagem clássica que persiste sem nunca se fixar plenamente. Aquilo que durante séculos garantiu continuidade histórica surge aqui deslocado — como se a própria ideia de origem sobrevivesse sobretudo através dos seus dispositivos e das suas encenações.

Como tantas vezes no trabalho de António Júlio Duarte, estas imagens falam talvez menos do mundo que aparentam representar do que do próprio gesto de olhar. A artificialidade que nelas se revela não funciona como denúncia, mas como chave de leitura. Procuramos nas imagens um lugar, uma personagem, um tempo identificável — uma ancoragem literal. No entanto, a fotografia, tal como a História, oferece sempre algo mais incerto: não aquilo que esteve diante da câmara, mas aquilo que escolhemos reconhecer.

Pedro Alfacinha

01.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Croma, Cinecittà, Roma, 2022

02.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Pitágoras, Metaponto, 2022

03.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Cumulus, Catânia, 2022

04.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Casco, Roma, 2022

05.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

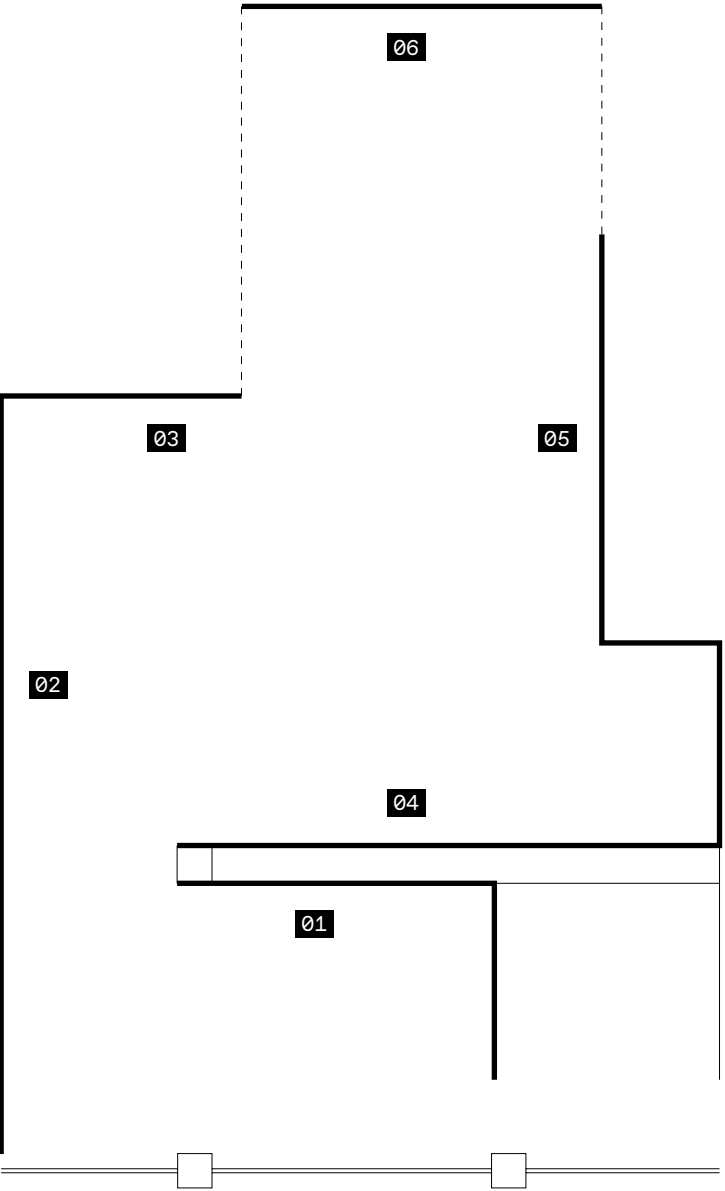
As Ruínas de Roma, Cinecittà, Roma, 2022

06.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

*Homem com coroa de louros,
Musei Capitolini, Roma, 2022*

Impressão em jato de tinta de pigmento sobre
papel Hahnemühle Fine Art Photo Rag Baryta
315gsm, montada em compósito de alumínio,
moldura de madeira com vidro museu,
Ed. 1/3 + 2 PA
100 × 100 cm



Lehmann

António Júlio Duarte Viagem a Itália

[ES]

20.06.2026

12.09.2026

«Viagem a Itália» es la primera exposición de António Júlio Duarte en la galería Lehmann.

Uno de los fotógrafos portugueses más relevantes de la actualidad, António Júlio Duarte nació en Lisboa en 1965, ciudad donde vive y trabaja como fotógrafo y profesor de fotografía.

Entre 1985 y 1989 estudió Fotografía en el Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, en Lisboa, y en 1991 en el Royal College of Art, en Londres, como becario de la Fundación Calouste Gulbenkian.

Expone regularmente en Portugal y en el extranjero desde 1990, y su trabajo está representado en diversas colecciones públicas y privadas, tanto nacionales como internacionales.

Ha publicado varios fotolibros, entre los que destacan *Guiné-Bissau 1990* (2023), *Against the Day* (2019), *Ensaio* (2018), *Japan Drug* (2014) y *White Noise* (2011), editados por Pierre von Kleist Editions; *Ph. António Júlio Duarte* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022); *W* (Antumbra Publishing House, 2021); *Deviation of the Sun* (Centro Cultural Vila Flor, 2013) y *The Candidate* (GHOST Editions, 2012). *White Noise* fue considerado uno de los mejores fotolibros de 2011 por varios críticos de arte internacionales.

La dificultad para formarse una idea de la Antigüedad consiste en que solo disponemos de ruinas, de modo que nuestras reconstrucciones resultan inadecuadas. El llamado suelo clásico es otra cosa. Si no lo abordamos con fantasía, sino que lo consideramos en su realidad tal como se presenta a nuestros sentidos, aparece aún como el escenario en el que se representaron y decidieron los acontecimientos más grandiosos. Siempre he contemplado el paisaje con ojos de geólogo y de topógrafo, suprimiendo mi imaginación y mis emociones a fin de preservar mi facultad para una observación clara e imparcial. Si se hace esto en primer lugar, la historia sigue entonces de forma natural y lógica, con todo su asombroso encanto.

Goethe, *Viaje a Italia*

En el imaginario del Grand Tour, el viaje a Italia condensaba pasado y presente. Al mismo tiempo cuna de la cultura occidental y espacio de vanguardias, Italia ofrecía una triangulación de referencias reconfortante y productiva. Se trataba de un movimiento de confirmación: la cultura europea reconocía su propio fundamento y, desde ese lugar, proyectaba su futuro.

En ese contexto, el viaje empezó a organizarse en torno a imágenes anticipadas: lugares ya imaginados, a menudo por otros, antes de ser visitados. Hoy vivimos rodeados de imágenes que anticipan, encuadran y, con frecuencia, sustituyen la experiencia. La atención se desplaza continuamente de una imagen a la siguiente, en un régimen de entretenimiento permanente. Viajamos a través de las imágenes de otros, pero sin movernos de nuestro sitio.

El trabajo de António Júlio Duarte se desarrolla en ese intervalo. Las seis fotografías de *Viaje a Italia* se presentan como zonas de suspensión, donde Historia y experiencia coexisten en un mismo plano. Son imágenes que resultan de su presencia en un lugar, pero no buscan representar ningún lugar. No se nos presentan monumentos; estas fotografías son, en su radical bidimensionalidad, antimonumentos que vacían la herencia clásica, física y figurativamente, exponiendo su condición inestable.

La imagen que abre el conjunto muestra únicamente la esquina de un cromado verde, fotografiado en *Cinecittà*. Una superficie preparada para recibir cualquier mundo. Antes de la imagen, la posibilidad de la imagen. La práctica del artista ha gravitado con frecuencia en torno a esta inestabilidad: la fotografía, en su indefinición disimulada, como figura de la fragilidad de nuestras certezas sobre el mundo. Nada es abiertamente dramático. Sin embargo, entre aquello que vemos y aquello que creemos reconocer se instala siempre un pequeño desajuste. Una zona de extrañamiento.

Tal vez por eso estas fotografías ocupen un lugar singular en la obra del artista. Si buena parte de su trabajo parece indiferente a los lugares donde fue producido —como si las imágenes hubieran podido surgir en cualquier geografía—, aquí el destino se vuelve inseparable de aquello que la serie pone en cuestión. Italia no aparece como tema, sino como problema: un lugar previamente ocupado por imágenes, proyecciones y narrativas que moldearon la forma en que la cultura occidental aprendió a mirarse a sí misma. Un lugar que creemos conocer incluso antes de visitarlo.

A partir de ahí, lo que se afirma en *Viaje a Italia* es una serie de presencias inciertas: restos de monumentalidad, fragmentos de gestos antiguos, señales de un lenguaje clásico que persiste sin llegar nunca a fijarse plenamente. Aquello que durante siglos garantizó la continuidad histórica aparece aquí desplazado, como si la propia idea de origen sobreviviera sobre todo a través de sus dispositivos y sus escenificaciones.

Como tantas veces en el trabajo de António Júlio Duarte, estas imágenes hablan quizá menos del mundo que parecen representar que del propio gesto de mirar. La artificialidad que en ellas se revela no funciona como denuncia, sino como clave de lectura. Buscamos en las imágenes un lugar, un personaje, un tiempo identificable: un anclaje literal. Sin embargo, la fotografía, al igual que la Historia, ofrece siempre algo más incierto: no aquello que estuvo delante de la cámara, sino aquello que elegimos reconocer.

Pedro Alfacinha

01.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Croma, Cinecittà, Roma, 2022

02.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Pitágoras, Metaponto, 2022

03.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Cumulus, Catânia, 2022

04.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Casco, Roma, 2022

05.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

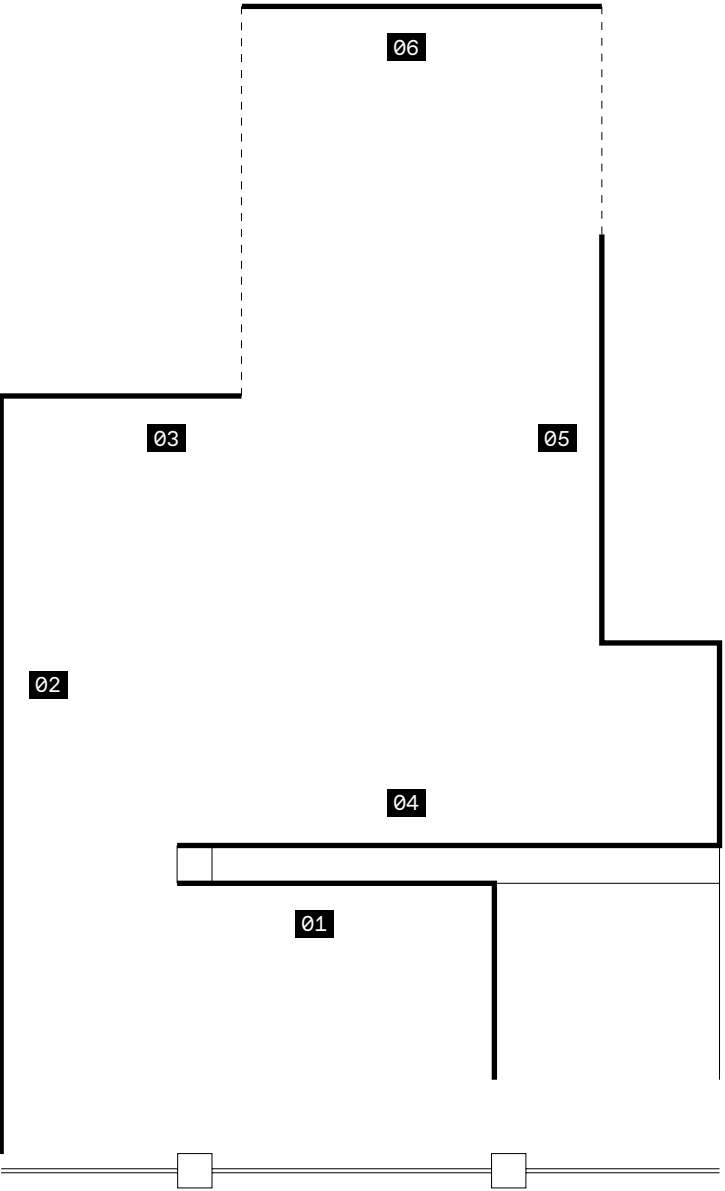
As Ruínas de Roma, Cinecittà, Roma, 2022

06.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

*Homem com coroa de louros,
Musei Capitolini, Roma, 2022*

Impresión con tinta pigmentada sobre papel
Hahnemühle Fine Art Photo Rag Baryta de 315
g/m², montada sobre composite de aluminio,
marco de madera con cristal de museo,
Ed. 1/3 + 2 PA
100 × 100 cm



Lehmann

António Júlio Duarte Viagem a Itália

[EN]

20.06.2026

12.09.2026

“Viagem a Itália” is António Júlio Duarte’s first exhibition at Lehmann Gallery.

One of the most relevant contemporary Portuguese photographers, António Júlio Duarte was born in 1965 in Lisbon, where he lives and works as a photographer and photography professor.

Between 1985 and 1989, he studied Photography at Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual in Lisbon, and in 1991 at the Royal College of Art in London, as a fellow of the Calouste Gulbenkian Foundation.

He has exhibited regularly in Portugal and abroad since 1990, and his work is represented in various public and private collections, both nationally and internationally.

He has published several photobooks, notably *Guiné-Bissau 1990* (2023), *Against the Day* (2019), *Ensaio* (2018), *Japan Drug* (2014), and *White Noise* (2011), published by Pierre von Kleist Editions; *Ph. António Júlio Duarte* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022); *W* (Antumbra Publishing House, 2021); *Deviation of the Sun* (Centro Cultural Vila Flor, 2013), and *The Candidate* (GHOST Editions, 2012). *White Noise* was named one of the best photobooks of 2011 by several international art critics.

The curious difficulty about trying to form an idea of antiquity is that we only have ruins to go by, so that our reconstructions must be inadequate. The so-called classic soil is another matter. If we do not approach it fancifully but consider this soil in its reality as it presents itself to our senses, it still appears as the stage upon which the greatest events were enacted and decided. I have always looked at landscape with the eye of a geologist and a topographer, and suppressed my imagination and emotions in order to preserve my faculty for clear and unbiased observation. If one does this first, then history follows naturally and logically in all its astonishing wonder.

Goethe, *Italian Journey*

For Grand Tour travellers, a journey to Italy condensed past and present. Simultaneously the cradle of Western culture and a space of avant-garde experimentation, Italy offered a reassuring and productive triangulation of references. The Grand Tour was an act of confirmation: European culture recognised its own foundations and, from that vantage point, projected its future.

It was within this context that travel began to organise itself around anticipated images — places already imagined, often by others, before they were ever visited. Today, we live surrounded by images that anticipate, frame and frequently replace experience. Attention shifts continuously from one image to the next, within a regime of permanent entertainment. We travel through the images of others without ever leaving home.

António Júlio Duarte's work unfolds within that interval. The six photographs in *Viagem a Itália* present themselves as zones of suspension, where history and experience occupy the same plane. They are images born of the artist's presence in a place, yet they seek to represent no place at all. We are not presented with monuments; these photographs are, in their inevitable two-dimensionality, anti-monuments, emptying the classical heritage both physically and figuratively, exposing its unstable condition.

The opening image shows nothing more than the corner of a green *chroma* key photographed at Cinecittà. A surface prepared to receive any world. Before the image, the possibility of the image. The artist's practice has long gravitated towards this instability: photography, in its concealed indeterminacy, as a figure for the fragility of our certainties about the world. Nothing is overtly dramatic. Yet between what we see and what we believe we recognise, a small discrepancy always emerges. A space of alienation.

Perhaps for this reason these photographs occupy such a singular place within the artist's oeuvre. If much of his work appears indifferent to the places in which it was produced, here the destination becomes inseparable from what is at stake. Italy emerges not as a subject but as a problem: a place saturated with images, projections and narratives that have shaped the way Western culture has learned to look at itself. A place we believe we know before ever visiting it.

From this point onwards, what asserts itself in *Viagem a Itália* is a series of uncertain presences: remnants of monumentality, fragments of ancient gestures, traces of a classical language that persists without ever fully settling into place. That which for centuries guaranteed historical continuity appears here displaced — as though the very idea of origin survived chiefly through its devices and stagings.

As so often in António Júlio Duarte's work, these images speak less about the world they appear to represent than about the act of looking itself. The artificiality revealed within them functions not as denunciation but as a key to interpretation. We seek in images a place, a character, an identifiable time — a literal anchor point. Yet photography, much like history, always offers something more uncertain: not what stood before the camera, but what we choose to recognise.

Pedro Alfacinha

01.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Croma, Cinecittà, Roma, 2022

02.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Pitágoras, Metaponto, 2022

03.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Cumulus, Catânia, 2022

04.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Casco, Roma, 2022

05.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

As Ruínas de Roma, Cinecittà, Roma, 2022

06.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

*Homem com coroa de louros,
Musei Capitolini, Roma, 2022*

Pigment inkjet print on Hahnemühle Fine Art Photo Rag Baryta 315gsm paper, mounted on aluminium composite, wooden frame with museum-grade glass, Ed. 1/3 + 2 AP
100 × 100 cm

